

## O Fenômeno cultural

 Gustavo Reis Gonçalves

Resenha do capítulo de

CASTRO, Manuel Antônio de. *O acontecer poético - a história literária*. Rio de Janeiro: Antares, 1982. v. único. 145 p. (p. 15-31).

O presente trabalho é um recorte do texto de Manuel Antônio de Castro, o autor é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1966), Português-Francês Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969), Português-Alemão pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997), Filosofia pela Faculdade de Filosofia dos Padres Franciscanos (1964). É mestre em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1973) e doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979). Possui pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997). Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O *acontecer poético* é um trabalho publicado pelo autor no ano de 1982, e tem como objetivo a reflexão acerca da história literária. Nes-

---

Gustavo Reis Gonçalves. Mestrando em Estudos Literários - Programa de Pós Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará. Graduado em Letras - Língua Inglesa pela Universidade Federal do Pará (2016-2021). Colaborador voluntário (PIVIC) do projeto de pesquisa intitulado comunidades de Resistência em Narrativas Anglófonas Contemporâneas (CRENAC).



te estudo, o autor visa um detalhamento da história literária que está para além da historiografia, ou seja, reflexões profundas sobre a importância da literatura dentro da sociedade e como as reflexões sobre literatura muito mais parte do nosso acontecer enquanto ser humano do que a categorização formal que nos é ensinada.

Nesta resenha trataremos do primeiro capítulo deste livro, onde são feitas reflexões sobre o fenômeno cultural. Para entendermos como este tema é tratado, nos é apresentado uma distinção do que é o fenômeno e do que é a cultura, depois nos faz reflexões sobre o que seria o fenômeno cultural e como este se faz presente no campo da história literária com discussões para além da historiografia literária, como citado anteriormente.

Neste capítulo o autor nos apresenta uma discussão acerca do que seria o fenômeno. Segundo ele, a categorização do que este seria não é impossível de ser feita de modo formal, como uma descrição “formal” do que seria este termo. Isso se dá por conta da complexidade do que é o fenômeno, este se dá por meio das perguntas que se levantam ao tentar entender o que seria isto. Logo, podemos entender que para se falar de fenômeno faremos perguntas, pois ele está diretamente ligado ao abismo da pergunta.

Deste modo, nos é dito que quando estamos tratando do fazer literário não podemos dissociá-lo dos fazeres humanos, pois estes estão diretamente ligados. O fenômeno em si seria uma demonstração desse fazer, que se liga não apenas a um conceito específico que nos é apresentado de modo categórico, mas uma ligação direta com a existência humana e suas vertentes.

Para que isso seja melhor entendido, temos que compreender a vivência do homem enquanto sociedade, ou seja, entender o que entrelaça-nos enquanto seres sociais. A primeira coisa que nos vem à mente



quando tratamos desta reflexão é a cultura, como uma “cola social” que trabalha com o entendimento do homem com o meio. Mas a pergunta que devemos nos fazer é: O que é realmente a cultura?

E neste momento o autor nos apresenta o que seria a “definição de cultura”, segundo ele a ligação do homem com o fazer, mas para que haja algo o homem precisa da atitude. Deste modo, “a uma atitude prática, a um agir operativo” (CASTRO, 1982. p. 16). O agir é consumir, mas este agir não se objetiva a definição de algo, como o agir literário, mas para o agir para ir a fundo nas reflexões. Deste modo, agir é ir a fundo no que se propõe.

Mas o que seria esse “agir”? Segundo o autor, o centro do agir é o homem, portanto, no centro das ações que são, de modo superficial, chamadas de cultura. O homem é o centro e é no fazer do homem que temos a primeira instância do fazer cultural, este é o ponto de partida para o entendimento do fazer literário. Haja vista que, se é o homem o centro que está ligado à cultura e a literatura vem do homem, só se pode entender o fenômeno literário se primeiro entendermos o fenômeno cultural.

Manuel de Castro nos faz a pergunta chave deste capítulo: O que é cultura? De modo formal, a arte nos é descrita como um conjunto de tradições que são naturais de um grupo, essas tradições podem se modificar durante a história, mas se mantém fiel às raízes que lhes são perpassadas por gerações. Seria um conjunto de práticas que foram herdadas. Entretanto, este é um caráter historiográfico que transforma e conduz a definição de cultura como algo estático, mas o fenômeno cultural é dinâmico e está em constante movimento, não cabendo nesta definição.

O autor nos fala que não podemos ignorar o conceito de transmissão da cultura, mas que este conceito não é capaz de comportar a essên-



cia da cultura. Que se dá na complexidade do fenômeno. A partir daí temos que entender como este se apresenta e como ele se faz para que assim tenhamos refletido sobre cultura e o que ela poderia ser. Deste modo, temos o conceito de conjuntura, que se divide em constituição, acontecimento e a volta. É citado o poema de Drummond “No meio do caminho” e nos demonstra o que seria esta conjuntura, o fato descrito pelo eu lírico é a presença da pedra e a partir dela sendo o obstáculo se dá o desenrolar no espaço/tempo do poema. “Toda cultura resulta de uma conjuntura. Nela o homem se hominiza” (CASTRO, 1982 p. 19).

A partir do que diz o autor, a cultura é por si só um resultado de um “obstáculo” que incide sobre o homem e que a partir deste dá-se o agir. Mais à frente no capítulo, o autor cita o filme “2001”<sup>1</sup>, onde são apresentados primatas primitivos que a partir da presença de um objeto, o monólito, começam a humanizar-se. O autor cita esta obra e reflete sobre como o objeto/obstáculo, naquele cenário, serviu como o estopim para a constituição do agir, pois a emergência do ato é que faz com que o fenômeno cultural ocorra como um círculo em que a produção, pois “o homem se torna homem por ser o lugar onde a luz se manifesta” (CASTRO, 1982 p. 21).

Ainda segundo ele, a cultura com a definição que nós conhecemos é fruto de uma institucionalização. Os traços de uma cultura constituem um meio de poder, este poder quando é institucional se torna um valor de algo. Logo, todas as vezes que um povo se sente ameaçado ele recorre às suas instituições, desse modo, a transmissão da cultura como valores, a partir da instituição, é uma arma de defesa. Entretanto, es-

---

1. *2001: A Space Odyssey* (nome em língua inglesa), é um filme dirigido por Stanley Kubrik e roteiro do mesmo em parceria com Arthur C. Clarke. É baseado na obra *The Sentinel* (Arthur C. Clarke). O filme trata de um objeto desconhecido (o monólito) que permite uma conexão entre passado e futuro. Astronautas são enviados em uma missão misteriosa que desencadeia em uma viagem pelo espaço tempo.



tes traços culturais não estão externos ao grupo, pois o grupo só existe por estes traços.

A visão de cultura como um meio institucional, é destacado que há uma dicotomia neste acontecer, esta é: liberdade x opressão. Pois a partir do momento que a institucionalização passa a impor a transmissão dos valores que lhes são constituintes, a liberdade passa a não ser mais uma opção e dá lugar à opressão. O que antes era a conjuntura que permitiu a hominização/libertação do ser, passa a ser o que o oprime.

Continuando nas reflexões para o entendimento do fenômeno cultural, nos é apresento a prospecção, a introspecção e a solução. Segundo ele, estes três fatores se manifestam no fenômeno cultural, desse modo, retornamos ao filme que foi citado anteriormente, alisando assim a cena em que o primata observa uma ossada, pega o osso e entende que ele pode ser usado como uma arma. A cena pode ser dividida em três momentos: primeiramente temos o movimento do primata para com o objeto, prospecção, olhando para frente; o segundo movimento é a posse do objeto, introspecção, o primata tem posse do osso trazendo assim o objeto para ele e assim se tem a “luz da inteligência”; o terceiro momento temos a utilização desse objeto e o entendimento de como ele pode ser usado, a solução, a produção do primeiro traço cultural. “Cultura antes de tudo e fundamentalmente é produção” (CASTRO, 1982 p. 22). Ainda segundo o autor, o processo de cultura tem mais facetas a transmissão e acumulação, são estas que generalizam do conceito de cultura.

Nos deparamos neste capítulo com a ação, o conhecimento e o signo. A ação é o momento em que se dá o processo que irá constituir a solução. O conhecimento vem dos processos de prospecção e introspecção, este conhecimento é o nascer, o que vem ao mundo a partir da ação. Mas para se realizar esta solução é necessária a enunciação, o signo.



Quanto à transmissão e acumulação, é a partir da enunciação que os traços culturais podem ser acumulados e transmitidos. Entretanto, o autor nos diz que a educação vem traindo sua origem no que se diz respeito ao ensino do fenômeno cultural, pois ela trata a cultura apenas como transmissão e não mais o processo. Pois, nem a transmissão e nem a acumulação são capazes de produzir a cultura, elas apenas reproduzem.

O autor nos apresenta a premissa da cultura como: cultivar, habitar e cultuar. E a partir deste ponto iremos explicar cada parte desta premissa e, para isso, vamos voltar à pergunta que nos é feita no começo deste capítulo: o que é cultura? Cultura, palavra, vem do latim, do verbo *colere*. Em suma, o significado deste verbo é múltiplo: cultivar, habitar e cultuar.

Iremos começar com “Cultivar”, isto significa que a cultura é um cultivo, que o homem de modo coletivo trabalha. Bem como um agricultor trabalha a terra, o homem trabalha a cultura. Mas neste trabalho a terra não se dá de modo individual, se dá pela colaboração, e é a partir deste fato com os demais homens é que se dá o trabalho de cultivar (*laborare*).

O habitar está ligado a se manter na terra cultivada. O local que o homem habita é o local que ele considera como seu lugar, o habitar é muito complexo. Segundo o autor, infelizmente há um enxugamento do significado da palavra habitar, mas em suma se a terra está cultivada ela está pronta para ser habitada. Portanto, após cultivar o desconhecido é o que permite o habitar (*habere*).

O cultuar seria o que liga o processo cultural. O cultuar é uma parte do ciclo que se desenvolve no fenômeno da cultura, pois tudo se transforma, a terra se transforma e o homem que ela habita também. O culto é a manutenção do que foi acumulado, mesmo que não se saiba de onde surgiu o que foi transmitido, pois quando o homem não obtém



uma resposta ele cultua, o culto está entre o que se conhece e o que não se conhece, isso se dá de modo natural.

No fim do capítulo nos é apresentado sobre o ser e o real. Retornando assim ao poema de Drummond nos é feita a pergunta “O que é, afinal, a natureza?” O autor nos fala que a resposta está no poema, esta natureza é a pedra no meio do caminho. A partir do momento que ela é vista, o ato de ver abre precedente para a existência do ser, o ser que percebe o que é real. Este real é o que é físico, palpável, neste caso a pedra. O acontecer do fenômeno cultural se dá no poema quando o eu lírico percebe a presença da pedra no meio do caminho, logo o homem é apenas o mediador e não o criador da cultura, o acontecer cultural se dá a partir da relação do ser com o real.

As questões que são levantadas por Manuel de Castro são como um ponto de partida para um pensamento crítico acerca da literatura enquanto um fazer cultural. Entender esse fazer cultural e o que é a cultura propriamente dita nos ajuda a compreender como a produção desses produtos culturais se apresentam em nossa ação enquanto seres contemporâneos. Entretanto, não podemos ter essas questões como bases indiscutíveis do pensamento crítico, para que não caiamos no abismo dos agenciamentos maquínicos, que nos são explicados por Deleuze e Gattari (1995).

Podemos assim concluir que neste capítulo o autor nos traz para as origens do conceito de cultura, para que assim possamos entender como o fenômeno da cultura se faz presente. O autor também nos quer fazer perceber que o conceito de cultura historiográfica se prende aos conceitos de acumulação e transmissão. Mostrando-nos assim que a generalização da cultura nos faz perder o entendimento do real acontecer cultural, já que este acontecer é muito mais complexo do que as facetas nos dizem sobre o que realmente a cultura é. O homem por si

só é apenas um mediador do fenômeno cultural. Já que o fenômeno da cultura é a relação do “ser” com o “real” e a partir desta relação é que ocorre o acontecer.

Este texto nos ajuda a refletir o nosso pensamento em relação a nossa construção enquanto um “ser” perante as nossas convivências e relações com o meio que nos coloca diante do obstáculo que irá desencadear o nosso agir. Este, por sua vez, irá criar e compartilhar um fazer/fenômeno de cultura.

### Referências

CASTRO, Manuel Antônio de. *O acontecer poético - a história literária*. Rio de Janeiro: Antares, 1982. v. único. 145 p .

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34, 1995. v.1. Ebook.

Recebido em: 11/03/2022

Aprovado em: 22/12/2022

Licenciado por

